ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM ARTES VISUAIS

DANIELE SAI DOS SANTOS FERREIRA

RESUMO
A relação entre artes visuais e alfabetização artística tem sido um tema de crescente interesse na área educacional, especialmente devido ao reconhecimento do papel fundamental das artes no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Este estudo visa investigar os objetivos e justificativas por trás da integração das artes visuais no processo de alfabetização artística, explorando como essa abordagem pode enriquecer o aprendizado e promover o desenvolvimento integral dos estudantes. A inserção das artes visuais no contexto da alfabetização artística vai além da simples aquisição de habilidades técnicas; ela promove o desenvolvimento holístico dos estudantes, estimulando a criatividade, a auto expressão e a apreciação estética. Além disso, a alfabetização artística pode complementar e fortalecer outras áreas do currículo, tornando o aprendizado mais significativo e envolvente para os alunos. Portanto, compreender os objetivos e justificativas por trás dessa integração é essencial para informar práticas educacionais mais eficazes e promover uma abordagem mais holística e inclusiva da educação. A história das artes visuais é uma tapeçaria rica e complexa de criatividade, inovação e reflexão humana. À medida que continuamos a explorar as obras dos mestres do passado e as visões dos artistas contemporâneos, somos lembrados da capacidade única da arte visual de nos inspirar, provocar e nos conectar com o mundo ao nosso redor. É uma jornada sem fim, repleta de beleza, significado e possibilidade, convidando-nos a mergulhar nas profundezas da imaginação e da expressão humana.

PALAVRAS-CHAVE: Artes visuais; educação infantil; desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

A alfabetização e letramento em artes visuais emergem como áreas de estudo e prática que vão além da mera capacidade de desenhar ou pintar, abrangendo uma compreensão mais profunda da linguagem visual e sua aplicação significativa na vida cotidiana. Esta abordagem reconhece a importância de desenvolver habilidades de leitura e produção de imagens, bem como a capacidade de interpretar e contextualizar seu significado dentro de diferentes contextos culturais e sociais. No entanto, apesar do reconhecimento crescente da importância dessas competências, persistem desafios significativos no desenvolvimento de estratégias eficazes de ensino e aprendizagem.

Um dos principais desafios enfrentados na alfabetização e letramento em artes visuais reside na lacuna entre a percepção pública sobre as artes visuais como uma disciplina "menos essencial" e a sua verdadeira importância como ferramenta crucial para a expressão, comunicação e compreensão do mundo ao nosso redor. Esta lacuna pode resultar em falta de investimento em recursos educacionais adequados e na marginalização das artes visuais no currículo escolar.

Os objetivos da alfabetização e letramento em artes visuais são multifacetados. Eles incluem capacitar os alunos a desenvolver habilidades técnicas em várias formas de expressão visual, estimular a criatividade e a imaginação, promover a compreensão crítica das imagens presentes na sociedade contemporânea e cultivar uma apreciação pela diversidade cultural e estética. Além disso, busca-se fomentar a autonomia dos alunos como produtores e consumidores de arte, capacitando-os a participar ativamente do diálogo visual em um mundo cada vez mais orientado para a imagem.

Para alcançar esses objetivos, diversas metodologias podem ser adotadas, incluindo abordagens práticas baseadas em projetos, estudos de caso que exploram obras de arte em contextos históricos e culturais específicos, e atividades que incentivam a reflexão crítica e o diálogo em torno das imagens. Além disso, estratégias interdisciplinares que integram as artes visuais com outras disciplinas, como literatura, história e ciências sociais, podem enriquecer a experiência

de aprendizagem e ampliar as possibilidades de expressão artística dos alunos.
Em suma, a alfabetização e letramento em artes visuais desempenham um papel fundamental na formação de indivíduos criativos, críticos e culturalmente conscientes. Ao superar os desafios existentes e adotar abordagens inovadoras e inclusivas, podemos capacitar os alunos a desenvolver uma compreensão profunda e significativa da linguagem visual, preparando-os para se tornarem participantes ativos e informados em uma sociedade cada vez mais visualmente orientada.

DESENVOLVIMENTO

As artes visuais representam uma das formas mais antigas e fundamentais de expressão humana, traçando uma jornada que se estende desde os primórdios da civilização até os dias atuais. Ao longo da história, a arte visual desempenhou um papel vital na comunicação de ideias, na reflexão da cultura e na exploração da condição humana. Neste artigo, exploraremos essa fascinante evolução das artes visuais através das eras.
Nossa jornada começa nas profundezas das cavernas pré-históricas, onde nossos antepassados deixaram marcas de sua presença por meio de pinturas rupestres. Datando de milhares de anos atrás, essas representações vívidas de animais, caçadas e cenas cotidianas não apenas nos fornecem um vislumbre da vida pré-histórica, mas também revelam a profunda conexão entre o homem e o mundo natural.
Avançando para as antigas civilizações do Egito, testemunhamos a grandiosidade e o simbolismo da arte egípcia. Caracterizada por sua abordagem hierárquica e estilizada, a arte egípcia refletia as crenças religiosas e a cultura de uma sociedade profundamente arraigada na espiritualidade e na noção de vida após a morte. As majestosas pirâmides, os imponentes templos e as intrincadas tumbas decoradas com pinturas murais e relevos esculpidos são testemunhos duradouros dessa rica tradição artística.
A arte da Grécia Antiga e de Roma elevou a expressão visual a novas alturas, celebrando a beleza, o equilíbrio e o idealismo estético. Nas esculturas de mármore e bronze, como a Vênus de Milo e o Discóbolo, os artistas gregos capturaram a forma humana com uma elegância e proporção que inspiraram gerações posteriores. Enquanto isso, os romanos adotaram e expandiram as tradições artísticas gregas, criando monumentos imponentes, como o Coliseu e o Panteão, que testemunham o poder e a grandiosidade do Império Romano.
Durante a Idade Média, a arte europeia foi dominada por temas religiosos e uma abordagem simbólica e alegórica. As catedrais góticas, com seus vitrais coloridos e esculturas ornamentadas, serviram como locais de culto e celebração da glória de Deus. Enquanto isso, os manuscritos iluminados, ricamente decorados com ilustrações e caligrafia elaborada, foram veículos de conhecimento e devoção em uma era de escuridão intelectual.
O Renascimento marcou um renascimento da cultura clássica e uma nova era de exploração intelectual, inovação técnica e expressão artística. Artistas como Leonardo da Vinci, Michelangelo e Rafael redefiniram os padrões de excelência artística, criando obras-primas que ainda são reverenciadas hoje. A descoberta da perspectiva linear, a manipulação da luz e sombra (chiaroscuro) e a busca pela representação precisa da anatomia humana são apenas algumas das conquistas revolucionárias desse período.
Nos séculos seguintes, o Barroco e o Rococó levaram a arte em direções distintas, mas igualmente cativantes. O Barroco, com sua ênfase dramática, emocional e espiritual, encontrou expressão em obras monumentais, como as pinturas de Caravaggio e as esculturas de Bernini. Enquanto isso, o Rococó celebrou a elegância, a delicadeza e a extravagância, criando ambientes opulentos e exuberantes que refletiam o gosto aristocrático da época.
O advento da era moderna viu uma profunda transformação na arte visual, à medida que os artistas buscavam romper com as tradições estabelecidas e explorar novas formas de expressão. Movimentos como o impressionismo, cubismo, surrealismo e abstracionismo desafiaram as noções convencionais de representação e realidade, abrindo caminho para uma era de experimentação e ino-

vação sem precedentes.
Hoje, a arte visual continua a evoluir e se diversificar em uma miríade de formas, estilos e mídias. Dos murais urbanos às instalações de arte, das fotografias às obras digitais, os artistas contemporâneos exploram uma variedade de temas, conceitos e técnicas, refletindo os complexos desafios e questões de nossa sociedade em constante mudança.
A busca pela beleza é uma característica inata do ser humano, uma apreciação estética que transcende as barreiras sociais e ambientais. Desde a escolha de um arranjo floral até a contemplação de uma pintura, as artes visuais desempenham um papel vital na expressão e compreensão das emoções humanas, como destacado por D'Aquino (1980, p. 3).
Ele ressalta que as artes plásticas são uma forma de criação ou recriação dos sentimentos encontrados na natureza, capturados através de imagens habilmente compostas, as quais eternizam uma gama de emoções individuais e coletivas. Pintura e escultura emergem, assim, como manifestações cruciais do espírito humano, oferecendo uma janela para o passado e uma compreensão mais profunda de nós mesmos.
Entretanto, é essencial reconhecer que toda jornada tem um começo, e é nesse ponto que nossa atenção se volta agora. Rotular obras de arte como boas ou ruins é um equívoco que revela nossa falta de preparo para apreciar e compreender o que verdadeiramente é arte. Para corrigir essa lacuna, é necessário iniciar a jornada de descoberta da arte desde os primeiros traços da infância.
Segundo Lowenfild, a evolução gráfica nessa fase é dividida em duas etapas distintas. A primeira delas é a fase pré-esquemática, que ocorre entre os 4 e 5 anos de idade. Durante esse período, a criança começa a representar elementos de sua realidade e a expressar sua imaginação através do desenho de vários objetos ou suas concepções deles (Stabile, 1988, p. 26).
Os trabalhos se tornam mais completos e ganham um valor representativo reconhecível pela criança, marcando o início de sua utilização como expressão do pensamento e da forma como percebe, age ou conta suas histórias. No entanto, é importante notar que os elementos isolados presentes nos desenhos indicam que a criança ainda não está pronta para associar letras e sons para aprender a ler e escrever.
Forçar essa associação pode prejudicar seu desenvolvimento futuro. Durante essa fase, a criança segura o lápis com firmeza, mas ainda enfrenta dificuldades em seus traços, tornando-a ideal para exercícios que desenvolvem a coordenação viso- motora.
A figura humana desenhada durante essa fase é variada em suas formas, mas geralmente bastante completas. No entanto, se a representação da figura não ocorrer espontaneamente, não é aconselhável forçá-la, pois pode ser apenas um exercício gráfico. À medida que desenha, a criança muitas vezes conversa e conta histórias para explicar seus rabiscos de diferentes maneiras, mostrando um pensamento imaginativo em pleno desenvolvimento. Incentivar essa imaginação pode enriquecer ainda mais seus desenhos, conforme sugerido por Stabile (1988, p. 30).
À medida que a criança avança, ela começa a misturar uma escrita fictícia aos seus desenhos, imitando a forma como os adultos escrevem e percebendo isso como algo mágico ao alinhar e conectar os elementos gráficos, como se estivessem comunicando algo através disso.
Posteriormente, ingressamos no Estágio Pré-Operacional - Pré-Esquema, que ocorre entre os 4 e 6 anos de idade. Durante esse estágio, o pensamento intuitivo da criança continua forte, e ela é motivada principalmente pela exploração sensorial e motora, com uma ação voltada para resultados concretos (Stabile, 1988, p. 27).
Os desenhos revelam um realismo lógico e descritivo, com as figuras se relacionando umas com as outras. A criança também começa a demonstrar uma compreensão do conceito de forma, organizando os desenhos de acordo com a lógica espacial e adicionando detalhes descritivos. Esse estágio marca o momento em que a criança está pronta para associar sons e letras às palavras, indicando sua prontidão para aprender a leitura e a escrita.
As Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estabelecidas pela Lei 9394-96, sublinham a abrangência da educação, que não se limita apenas às instituições formais de ensino, mas se estende à vida familiar, à convivência

social e às expressões culturais. É uma responsabilidade compartilhada por todos, não apenas para exigir mudanças, mas também para sugerir alternativas que possam ser verdadeiramente implementadas na prática.

Segundo Tavares (2004, p. 17), os objetivos do ensino de arte fundamentam- se em três pilares: formação dos sentidos, conhecimento artístico e atividade de apreciação e produção artística. Esses objetivos abrangem uma variedade de metas, desde a sensibilização dos sentidos até o domínio do conhecimento artístico, aliado à prática de apreciação e produção.

A formação dos sentidos ocorre por meio da observação atenta das formas, sons e movimentos ao nosso redor, permitindo-nos perceber os objetos além de sua função prática. As linguagens artísticas, como dança, artes visuais, teatro e música, são instrumentos indispensáveis para expressar e interpretar a realidade.

O conhecimento artístico, por sua vez, envolve o estudo dos diferentes modos de composição utilizando os elementos formais de cada linguagem artística, mantendo sempre uma conexão com a cultura visual, sonora, cênica e da dança. A apreciação artística requer o acesso a diversas manifestações artísticas, possibilitando ao aluno familiarizar-se com a arte e compreender como ela reflete a realidade dos indivíduos em contextos diversos. A produção artística engloba uma variedade de atividades, desde pintura e dança até representações teatrais e confecção de objetos artísticos, oferecendo aos alunos a oportunidade de expressar sua criatividade de forma tangível.

A evolução gráfica durante os estágios pré-operacionais da criança, geralmente entre 2 e 4 anos de idade, é uma jornada fascinante e complexa. De acordo com Stabile (1988, p.16), essa evolução é marcada por três categorias principais de garatujas.

Na primeira fase, denominada garatuja desordenada, a criança realiza rabiscos no papel em diversas direções, explorando movimentos horizontais, verticais e circulares. Seus traços podem variar entre fracos e concentrados ou fortes e dispersos, muitas vezes cobrindo toda a folha de papel. Embora ainda não haja uma intenção clara por trás dos rabiscos, é comum observar tentativas repetidas de desenhar pequenos círculos ou células. Nessa fase inicial, as variações de cores nos desenhos podem surgir, e a escolha do instrumento de desenho é influenciada pela disponibilidade e tamanho.

A segunda fase, chamada de garatuja controlada, marca um avanço na habilidade da criança em controlar seus movimentos. Os pequenos círculos começam a se transformar em representações de pessoas e animais, com a adição de detalhes como cabelos, olhos e membros. A atividade pictórica começa a adquirir significado para a criança, refletindo elementos de sua realidade, especialmente a figura humana.

Por fim, na terceira fase, denominada garatuja intencional, os desenhos tornam-se mais complexos, com a inclusão de elementos além da figura humana, quase formando uma cena rudimentar. Embora os desenhos possam parecer rabiscos à primeira vista, eles são dotados de significado intrínseco para a criança. Os elementos são adicionados ao desenho em uma sequência particular, como braços, pernas e rostos caricaturados, revelando a assimilação gradual da importância de cada parte do corpo.

É na Educação Infantil, conforme estabelecido pela Lei 9394/96, que a criança inicia sua jornada educacional, com o objetivo de promover seu desenvolvimento integral nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social. No entanto, é importante destacar que o papel dos educadores é crucial nesse processo. Professores bem preparados têm a responsabilidade de nutrir e incentivar a criatividade das crianças, evitando assim possíveis traumas que possam prejudicar seu desenvolvimento futuro.

Segundo Lowenfild, a evolução gráfica nessa fase é dividida em duas etapas distintas. A primeira delas é a fase pré-esquemática, que ocorre entre os 4 e 5 anos de idade. Durante esse período, a criança começa a representar elementos de sua realidade e a expressar sua imaginação através do desenho de vários objetos ou suas concepções (Stabile, 1988, p. 26).

Os trabalhos se tornam mais completos e ganham um valor representativo reconhe-

cível pela criança, marcando o início de sua utilização como expressão do pensamento e da forma como percebe, age ou conta suas histórias. No entanto, é importante notar que os elementos isolados presentes nos desenhos indicam que a criança ainda não está pronta para associar letras e sons para aprender a ler e escrever.

Forçar essa associação pode prejudicar seu desenvolvimento futuro. Durante essa fase, a criança segura o lápis com firmeza, mas ainda enfrenta dificuldades em seus traços, tornando-a ideal para exercícios que desenvolvem a coordenação viso- motora.

A figura humana desenhada durante essa fase é variada em suas formas, mas geralmente bastante completas. No entanto, se a representação da figura não ocorrer espontaneamente, não é aconselhável forçá-la, pois pode ser apenas um exercício gráfico. À medida que desenha, a criança muitas vezes conversa e conta histórias para explicar seus rabiscos de diferentes maneiras, mostrando um pensamento imaginativo em pleno desenvolvimento. Incentivar essa imaginação pode enriquecer ainda mais seus desenhos, conforme sugerido por Stabile (1988, p. 30).

À medida que a criança avança, ela começa a misturar uma escrita fictícia aos seus desenhos, imitando a forma como os adultos escrevem e percebendo isso como algo mágico ao alinhar e conectar os elementos gráficos, como se estivessem comunicando algo através disso.

Posteriormente, ingressamos no Estágio Pré-Operacional - Pré-Esquema, que ocorre entre os 4 e 6 anos de idade. Durante esse estágio, o pensamento intuitivo da criança continua forte, e ela é motivada principalmente pela exploração sensorial e motora, com uma ação voltada para resultados concretos (Stabile, 1988, p. 27).

Os desenhos revelam um realismo lógico e descritivo, com as figuras se relacionando umas com as outras. A criança também começa a demonstrar uma compreensão do conceito de forma, organizando os desenhos de acordo com a lógica espacial e adicionando detalhes descritivos. Esse estágio marca o momento em que a criança está pronta para associar sons e letras às palavras, indicando sua prontidão para aprender a leitura e a escrita.

Mais do que nunca, é papel fundamental do professor estimular a auto expressão dos alunos, propondo atividades de desenho que reflitam as explicações dadas em aula, experiências de passeios e histórias ou textos estudados, desencorajando a simples cópia e o desenho estereotipado.

Além disso, brevemente abordarei a música, o cinema, o teatro, a escultura e sua relação com a educação, antes de retornar para discutir com mais detalhes as características do desenho e suas fases evolutivas na criança. Você poderá observar nos anexos quadros comparativos que mostram a correspondência entre as etapas evolutivas do grafismo e outras formas de expressão artística da criança.

Quanto aos critérios de seleção de conteúdo para arte, é importante considerar:

a) Conteúdos que estejam de acordo com as capacidades de aprendizagem dos alunos;

b) Valorização dos conteúdos, incluindo as culturas dos povos;

c) Especificidades do conhecimento e da prática artística.

Os conteúdos gerais para a disciplina de arte visam promover a expressão e comunicação, o desenvolvimento técnico e o entendimento dos materiais como elementos básicos da criação artística. Também é relevante explorar a vida e obra de artistas, suas épocas e os produtos resultantes de sua arte.

Existem diversas formas de produzir imagens, incluindo técnicas de impressão como linoleogravuras, xilogravuras, carimbos de batata, águas-fortes e outras formas de gravura em metal (Neubery, 2005, p. 22).

Todas essas técnicas envolvem o corte de um material rígido para criar áreas destacadas, seguido pela aplicação de tinta e a transferência da imagem para o papel. As litogravuras, por exemplo, são feitas desenhando-se em uma pedra com giz oleoso, umedecendo-a, aplicando tinta e transferindo-a para o papel com o auxílio de uma prensa. Essas técnicas tradicionais continuam a ser exploradas e combinadas com novas abordagens na busca pela criatividade artística.

ARTES NA EDUCAÇÃO

As artes visuais têm sido integradas às aulas

escolares para facilitar o ensino, embora exijam dos professores a capacidade de conhecer e ensinar adequadamente.

Na educação infantil, muitas vezes, as artes visuais são encaradas apenas como atividades secundárias, desprovidas de significado, conforme destacam os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 61). No entanto, a arte não deve ser vista como uma mera ocupação de tempo livre, mas sim como uma ferramenta para formar cidadãos críticos e participativos na sociedade, abrindo-lhes os horizontes para novas perspectivas. Através da arte, os alunos podem desenvolver suas habilidades criativas e de observação.

Ao conhecer a arte de diferentes culturas, os alunos têm a oportunidade de compreender a relatividade dos valores enraizados em suas próprias formas de pensar e agir (PCN/2001, p. 61). A expressão do saber, a comunicação, a interação com materiais diversos e a compreensão da arte como um fenômeno histórico são aspectos que os Parâmetros Curriculares Nacionais enumeram como fundamentais para capacitar os alunos do Ensino Fundamental, preparando-os para uma competência estética nas diversas modalidades artísticas, como dança, música, teatro, artes plásticas, entre outras.

De acordo com os PCN's, os conteúdos de arte no Ensino Fundamental visam promover a formação cidadã dos alunos, buscando estimular a participação, a igualdade, a compreensão e a valorização tanto da produção artística nacional quanto internacional. No entanto, muitas vezes, questões simples que despertam a curiosidade, até mesmo em adultos, são negligenciadas. Por exemplo, temas como o funcionamento da tinta podem ser explorados de maneira criativa em sala de aula, proporcionando uma experiência de aprendizado atrativa e significativa para os alunos.

"Os objetivos do ensino de arte se sustentam sobre três pilares: formação dos sentidos, conhecimento artístico, atividade de apreciação e produção artística" (Tavares, 2004, p. 17). Embora esses três eixos sejam trabalhados em conjunto, é importante abordá-los separadamente.

A formação dos sentidos nos ensina a ver e ouvir além das aparências dos objetos, percebendo os aspectos que traduzem seu significado no cotidiano. Para Tavares (2004), essa formação é indispensável para a compreensão do que acontece ao nosso redor, envolvendo a leitura de formas, sons e a observação das interações humanas (Tavares, 2004, p. 17).

O conhecimento artístico constitui o segundo eixo e engloba o estudo dos diferentes modos de composição com os elementos formais de cada linguagem artística. É essencial manter o contato com a cultura visual, sonora, cênica e da dança, explorando o universo das imagens, dos sons e dos movimentos presentes em nosso entorno. Isso inclui o entendimento das diferentes formas de expressão cultural, como máscaras africanas e pinturas corporais indígenas, que possuem significados próprios para os povos que as criaram (Tavares, 2004, p. 18).

Além disso, o conhecimento artístico envolve questões como o que é arte, quem a faz, quando, onde e como. Nas artes visuais, por exemplo, a composição é organizada a partir de elementos como forma, linha, cor, luz e volume. Na música, são considerados elementos como timbre, intensidade, densidade, duração e altura. Já no teatro, a representação é estruturada a partir da ação, do personagem e do espaço cênico (Moura, 2004, p. 18/19).

Outro objetivo do ensino de arte, segundo Moura (2004, p. 19), é possibilitar ao aluno o domínio de diferentes formas interpretativas do significado dos objetos, de acordo com seu olhar e conhecimento. O currículo de arte, portanto, deve responder às perguntas sobre o que ensinar, como e por que (Contreras, 1989, citado em Souza, 2003, p. 3).

É essencial repensar o ensino de arte em um contexto atual, buscando formas de reciclar artisticamente os objetos e promover uma abordagem mais ampla e criativa da disciplina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, as artes visuais desempenham um papel fundamental na educação, proporcionando aos alunos uma variedade de benefícios que vão além do desenvolvimento de habilidades artísticas. Ao integrar

as artes visuais no currículo educacional, as escolas podem estimular a criatividade, a expressão pessoal, o pensamento crítico e a apreciação estética. Além disso, as artes visuais oferecem uma plataforma para explorar questões sociais, culturais e emocionais, ajudando os alunos a desenvolver uma compreensão mais profunda do mundo ao seu redor.

Ao promover a inclusão das artes visuais na educação, é possível criar um ambiente de aprendizado mais dinâmico e envolvente, onde os alunos são incentivados a explorar, experimentar e descobrir por meio da arte. Isso não apenas enriquece suas experiências educacionais, mas também os prepara para enfrentar os desafios do século XXI, onde a criatividade e a inovação são cada vez mais valorizadas.

Portanto, é essencial que as instituições educacionais reconheçam a importância das artes visuais e invistam em programas que promovam a integração da arte no currículo. Ao fazer isso, estaremos capacitando as gerações futuras com as habilidades e o conhecimento necessários para prosperar em um mundo cada vez mais complexo e diversificado. A educação em artes visuais não apenas enriquece as vidas dos alunos, mas também contribui para uma sociedade mais criativa, inclusiva e culturalmente vibrante.

Além de promover a criatividade e a expressão individual, as artes visuais na educação oferecem uma plataforma única para os alunos explorarem e compreenderem conceitos complexos de uma maneira visual e tangível. Através da criação e análise de obras de arte, os estudantes podem desenvolver habilidades de observação, análise crítica e interpretação, que são essenciais para o pensamento crítico e a resolução de problemas em todas as áreas da vida.

As artes visuais proporcionam uma oportunidade valiosa para os alunos explorarem e expressarem suas emoções e experiências pessoais. Através da pintura, desenho, escultura e outras formas de arte, os alunos podem dar voz às suas experiências internas, promovendo uma maior consciência emocional e autorreflexão.

Ao integrar as artes visuais no currículo escolar, também estamos reconhecendo a importância da diversidade cultural e da inclusão. As obras de arte refletem as experiências e perspectivas de diferentes culturas e comunidades, permitindo que os alunos explorem e apreciem a riqueza da diversidade humana.

Isso não só promove a compreensão intercultural, mas também ajuda a construir pontes entre diferentes grupos e promove a aceitação e a tolerância.

As artes visuais na educação são muito mais do que simplesmente aprender a desenhar ou pintar. Elas são uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento holístico dos alunos, promovendo a criatividade, o pensamento crítico, a auto expressão, a consciência emocional, a diversidade cultural e a inclusão. Ao investir nas artes visuais na educação, estamos investindo no potencial ilimitado de cada aluno e no futuro de uma sociedade mais empática, inovadora e culturalmente enriquecida.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação. 1981 Brasiliense. São Paulo: SP, 116.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil e Glossário. Brasil- Constituição 1988- Rio de janeiro FAE, 1989, 176 p.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. 2001. Ministério da Educação Fundamental. Volumes: 8, 9, 10. Apresentação dos Temas Transversais e Ética- Meio Ambiente e Saúde, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais, Arte. volume 6 2001, Brasília MEC/SEF.

CUNHA, L. A. Educação, Estado e democracia no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cortez; Niterói: UFF; Brasília, DF: FLACSO do Brasil, 1995.

D’AQUINO, Flavio. Artes Plásticas I: Biblioteca Educação é Cultura. Rio de Janeiro: Bloch: FENAME, 1980.

FEIJÓ, Martin Cezar. O que é Política Cultural. Brasiliense. SP 1983, 80 p. GARDNER, Howard. Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LORENZATO, Sérgio. Por que não Ensinar Geometria? Educação Matemática em Revista. Geometria.SBEM-Ano III- 1º Sem. 1995, p. 03-13

MEI/SEF (Brasil) Parâmetros Curriculares Nacionais. Arte. volume 6. 2001, Brasília.

NEUWBERY, Elizabeth. Como e porque se faz Arte. Ática 2005 SP 1ª ed. NEUWBERY, Elizabeth. Os segredos da Arte. Ática 2005 SP 1ª ed.

NEWBERY, Elizabeth. Por Dentro da Arte. Como e por que se faz arte. Ática SP 2005 63 p.

RAFFA, Ivete. Fazendo Arte com os Mestres. Escolar 2006. SP 160 p. RCN Referencial Curricular Nacional Brasil ... v.3 2002);

SALDANHA, A.C. et all. Manual de arte Educação: uma dinâmica para o desenvolvimento. Brasília: Federação Nacional das APAES,1999.

SCHILICHTA, Consuelo Alcione Borba Duarte. Artes Visuais e Música. Curitiba: IESDE, 2004 p. 280.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/ Ministério da Educação e do Desporto. Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol. 3. Conhecimento de Mundo.

STABILE, Rosa Maria. A expressão Artística na Pré-Escola. São Paulo: FAE/ INL, 1988.

TEBOLA, L.M. Arte, Cultura, Educação e Trabalho. Brasília, 2000. Federação Nacional das APAES.

TORRES, P. L. Uma leitura para os Temas Transversais: Ensino fundamental. Curitiba: SENAR-PR 2003, 620p.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Um Brasil para crianças, 3ª ed. São Paulo: Global Universitária, 1988.